

IDENTIDADE E CULTURA DOS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS DO MARANHÃO: UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS ESCRITAS DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ITAPECURU MIRIM

IDENTITY AND CULTURE OF CONTEMPORARY QUILOMBOS OF MARANHÃO: A STUDY ON WRITTEN NARRATIVES OF QUILOMBOLA COMMUNITIES OF ITAPECURU MIRIM

Recebido: 30/10/2022

Aprovado: 21/12/2022

Publicado: 29/12/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i2.3030

Claudiene Diniz da Silva¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3591-4980>

Resumo: Este artigo tem como objetivo apontar aspectos históricos e culturais dos quilombos de Itapecuru Mirim – MA, a partir de narrativas escritas coletadas nesses locais. As comunidades selecionadas foram Santa Rosa dos Pretos e Santa Maria Pinheiro, pois relatos de sujeitos dessas localidades estão presentes na Coleção Terras Quilombolas, um conjunto de livretos, publicada em 2016, que reúne narrativas sobre a formação, o modo de vida e lutas dessas comunidades quilombolas do Brasil, que tentam manter seus territórios tradicionais. Além de definir quilombo, este estudo também apresenta uma breve descrição sobre o locus da pesquisa, qual seja Itapecuru Mirim. Para isso, utilizamos os autores Botelho (2008) e Marques (2009), que versam sobre quilombo e as autoras Lucchesi (2016) e Silva (2016), organizadoras dos livretos que tratam das comunidades estudadas. A metodologia utilizada consiste na seleção e análise de narrativas escritas a partir de um método qualitativo. Os resultados mostraram os processos que originaram a fundação das duas comunidades como também alguns costumes locais. Também são apresentados quantitativos sobre quilombos no Brasil e em Itapecuru Mirim, como também algumas ilustrações de costumes locais. Assim, os quilombos Santa Rosa dos Pretos e Santa Maria Pinheiro, na narrativa dos seus moradores, são lugares de luta e resistência e de garantias de direitos.

Palavras-chave: Narrativas escritas. Comunidades quilombolas. Cultura. Identidade.

Abstract: This article aims to point out historical and cultural aspects of the quilombos of Itapecuru Mirim - MA, based on written narratives collected in these places. The selected communities were Santa Rosa dos Pretos and Santa Maria Pinheiro, as reports from subjects from these locations are present in the Coleção Terras Quilombolas, a set of booklets, published in 2016, which brings together narratives about the formation, way of life and struggles of these communities quilombolas of Brazil, who try to maintain their traditional territories. In addition to defining quilombo, this study also presents a brief description of the research locus, which is Itapecuru Mirim. For this, we used the authors Botelho (2008) and Marques (2009), who deal with quilombo, and the authors Lucchesi (2016) and Silva (2016), organizers of the booklets that deal with the studied communities. The methodology used consists of selecting and analyzing written narratives based on a qualitative method. The results showed the processes that originated the foundation of the two communities as well as some local customs. Quantitative data on quilombos in Brazil and in Itapecuru Mirim are also presented, as well as some illustrations of local customs. Thus, the quilombos Santa Rosa dos Pretos and Santa Maria Pinheiro, in the narrative of their residents, are places of struggle and resistance and guarantees of rights

Keywords: Written Narratives. Quilombolas Communities. Culture. Identity.

¹ Doutorado em linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pós-doutoramento na mesma instituição ambos na área da Semântica da Enunciação. Mestrado em Letras na Universidade Federal do Piauí (UFPI), na perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Membro do grupo de estudos ENUNCIAR, que desenvolve pesquisas linguísticas utilizando os pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação. Coordenadora do grupo de estudo GELLEMA. Professora Adjunta e Diretora do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: claudiennediniz@gmail.com

1 Introdução

Falar de quilombos, para alguns, pode remeter a assuntos que dizem respeito a da História do Brasil, como o período de escravidão. Esse pensamento comprova a importância deste estudo, que apresenta narrativas escritas produzidas por moradores que residem em comunidades quilombolas do Maranhão.

Como almejamos demonstrar que quilombo não é coisa do passado, algumas indagações surgiram no decorrer da pesquisa que deu origem a este artigo. O que era um quilombo no período da escravidão e como é um quilombo contemporâneo? O que caracteriza um quilombo? Quais aspectos culturais marcam a identidade dos quilombolas? Esses espaços são respeitados, reconhecidos e valorizados pela sociedade em geral? No Maranhão, em especial, em Itapecuru Mirim existem quilombos?

Tantas perguntas carecem de muito estudo para serem respondidas. Este trabalho tem um interesse especial sobre a cultura quilombola maranhense de Itapecuru Mirim, local de trabalho da pesquisadora. Logo, as respostas aqui apresentadas girarão em torno dessa região.

Assim, o **objetivo** desse artigo é apontar aspectos culturais dos quilombos de Itapecuru Mirim – MA, a partir de narrativas escritas coletadas nessas comunidades, construindo o perfil identitários dos quilombolas dessa região.

O estudo visa contribuir para a valorização da cultura quilombola, em especial dos localizados em Itapecuru Mirim, município do estado do Maranhão. Além de enaltecer a sua cultura, propõe dar relevo à identidade do quilombola, uma vez que suas contribuições reverberam na identidade de maranhense/brasileiro como um todo.

Considerando as questões que norteiam este estudo, faremos uma breve exposição sobre a definição de quilombo e suas características. Em seguida, apresentaremos dados sobre a realidade quilombola de Itapecuru Mirim, no Maranhão. Faremos ainda a exposição de narrativas escritas, extraídas da coleção de livretos Terras de Quilombos.

2 História, definição e características dos Quilombos

Segundo o Dicionário Online de Português (2022), o termo quilombo é definido das seguintes formas:

Quilombo

substantivo masculino

[História] Lugar secreto, encoberto e escondido em meio ao mato, onde ficavam 'ou para onde iam as pessoas escravizadas que fugiam das fazendas, minas ou casas de família onde eram exploradas e sofriam vários tipos de violências: Quilombo dos Palmares.

[História] Localidade fortificada povoada por pessoas escravizadas que haviam fugido do cativeiro, sendo dividida e organizada internamente; geralmente, também acolhia índios ou brancos.

Etimologia (origem da palavra *quilombo*). A palavra quilombo deriva do quimbundo "kilombo", que significa acampamento, cabana.

Embora a definição de quilombo como esconderijo onde pessoas negras escravizadas ficavam quando fugiam do cativeiro seja a mais reconhecida pela sociedade, esse conceito não dá conta da complexidade do termo.

Marques (2009), ao escrever sobre as diversas possibilidades de conceituar o termo, explicita a proposta de Price (1973), para quem o quilombo:

não é apenas uma tipologia de dimensões, atividades econômicas, localização geográfica, quantidade de membros e sítio de artefatos de importância histórica. Ele é uma comunidade e, enquanto tal, passa a ser uma unidade viva, um locus de produção material e simbólica. Institui-se como um sistema político, econômico, de parentesco e religioso que margeia ou pode ser alternativo à sociedade abrangente. (MARQUES, 2009, p.344)

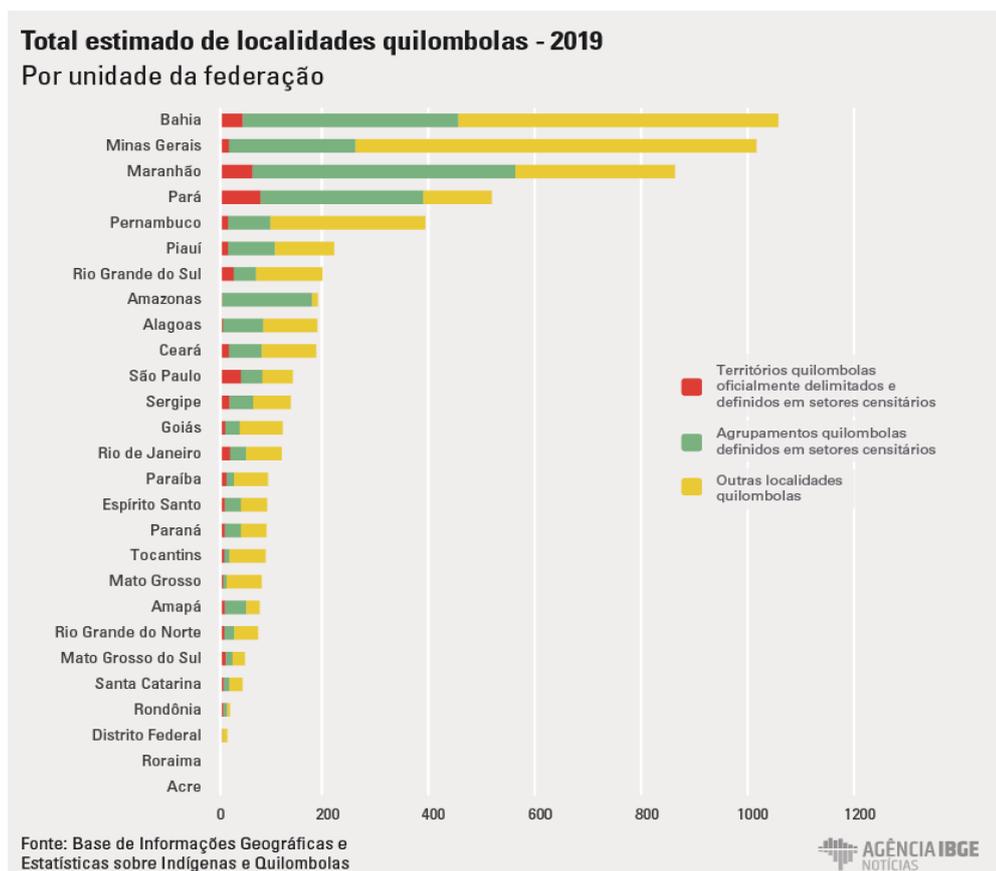
Muito mais do que um local de abrigo de escravos, o autor defende que o quilombo se trata de uma comunidade, com um sistema político, econômico e religioso próprios, com regras de parentesco peculiares. Essas características comprovam seu caráter identitário singular, que carece de investigação e conhecimento. Tal definição está de acordo com os maioria dos sites de conteúdo para educação básica do Brasil, tais como o site Escola Kids, da UOL.

quilombo ou mocambo é o nome que se dá às comunidades formadas majoritariamente por remanescentes de fugitivos da escravidão no Brasil e que remontam ao Período Colonial. Era também uma das formas de resistência ao sistema escravocrata que essas populações encontraram, muitas vezes após fugas individuais e coletivas de senzalas e plantações. Mesmo após abolição da escravidão, em 1888, essas comunidades continuaram a existir e foram, por muito tempo, totalmente negligenciadas e esquecidas pelo poder público. (QUEIROZ, s/d)

Nessa definição, além de acrescentar mocambo como sinônimo da palavra quilombo, e especificar o motivo e o período histórico do seu surgimento, o autor também relata sobre sua contemporaneidade. Segundo Queiroz (s/d), as

comunidades quilombolas continuam existindo e ainda são negligenciadas pelo poder público. A quantidade de quilombos e da busca de direitos por reconhecimento público pode ser comprovada na ilustração a seguir.

Figura 1: Estimativa de comunidades quilombolas do Brasil



Fonte: IBGE (2019)²

Como mostra a Figura 1, a estimativa de 2019 feita pelo IBGE é que existam 5.972 localidades quilombolas no Brasil. A Bahia é o estado com maior número de localidades quilombolas, totalizando 1.046. No segundo lugar, está Minas Gerais, com 1.021, seguido do Maranhão, com 866, e o Pará, com 516 localidades quilombolas. Os únicos estados que não possuem tais localidades são o Acre e Roraima.

O IBGE (2019) também apontou quais municípios têm mais comunidades quilombolas, e a cidade de Itapecuru Mirim, locus dessa pesquisa, está na lista, com 45 localidades. Além disso, dos dez municípios citados, 4 estão localizados no

² Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>

Maranhão, colocando o estado como aquele que tem maior aglomeração de localidades quilombolas por município.

Figura 2: Municípios do Brasil com maior estimativa de localidades quilombolas



Fonte: IBGE (2019)³

Considerando as informações supracitadas, e principalmente a quantidade de localidades quilombolas que existem no Maranhão, em especial, Itapecuru Mirim, a seguir faremos uma breve exposição histórica da cidade, almejando explicar esse fator.

3 Itapecuru Mirim-, terra de Quilombos

³ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>

O município de Itapecuru-Mirim está localizado no Maranhão, estado da Região Nordeste brasileira. Tornou-se oficialmente uma cidade em 21 de julho de 1870, mas desde 1768 há documentos que registram povoação no local. É banhado pelo Rio Itapecuru, e seu nome é de origem Tupi-guarani, que significa “caminho de pedras miúdas”. (PREFEITURA DE ITAPECURU-MIRIM, 2006)

Segundo o Diagnóstico Municipal, realizado pela Prefeitura de Itapecuru Mirim (2006):

O Maranhão é o estado brasileiro com o maior número de comunidades quilombolas, são cerca de 642 espalhadas por seu território. Destas, **41 estão situadas no município de Itapecuru-Mirim (...)**, e boa parte destas já é associada à ACONERUQ (Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas). (PREFEITURA DE ITAPECURU-MIRIM, 2006, p. 113, grifos nossos)

Conforme a citação, a quantidade de comunidades quilombolas no Maranhão é expressiva. Vale ressaltar, como mostramos no tópico anterior, que dados mais atualizam declaram que em Itapecuru Mirim há 45 localidades, número maior que o registrado pela prefeitura em 2006.

Esse número elevado se justifica pelo desenvolvimento do Maranhão no período escravagista. Segundo Botelho (2008), o número de escravizados chegou a 55% da população do estado. Mas no vale do Itapecuru, esse índice subia para 80%. Isso porque as regiões produtoras do Maranhão estavam localizadas nas margens dos grandes rios, entre eles o Rio Itapecuru, que concentrava a maior quantidade de fazendas de algodão e arroz no século XIX. Desse modo, o Maranhão:

tem sua formação histórica e social ligada a descendentes de negros e negras provenientes de Guiné-Bissau durante o século XVIII. Eles foram trazidos ao Maranhão durante o regime escravista para trabalhar nas lavouras da fazenda Kelru, localizada próximo ao rio Itapecuru e que foi propriedade de um colonizador irlandês chamado Lourenço Belfort. Na região, a produção de algodão, arroz, bicho-da-seda e cana-de-açúcar, além da criação de gado, se deu em larga escala e foi impulsionada pela implementação de um mercado agroexportador, a partir de 1750. (AHLERT E LIMA, 2019, p. 3)

Conforme os autores, os negros trazidos ao Maranhão no século XVIII são provenientes de Guiné-Bissau. E foram trazidos ao estado para trabalhar em lavouras de algodão, arroz, bicho da seda e cana-de-açúcar próximas ao Rio Itapecuru. Isso justifica a alta porcentagem da população negra nessa região.

Saber de onde proviam e o porquê de tantos negros em Itapecuru é um caminho para entender a cultura e a história dos quilombos atuais. A seguir,

apresentaremos nossa metodologia de pesquisa que discriminará como será feita a análise das narrativas dos quilombolas contemporâneos, descendentes dos negros que tiveram sua história brevemente aqui explicitada.

4 Metodologia

O que norteia essa pesquisa é a pretensão de apontar aspectos culturais dos quilombos de Itapecuru Mirim – MA, a partir de narrativas escritas coletadas nessas comunidades, construindo o perfil identitários dos quilombolas dessa região. Para isso, precisamos primeiramente de narrativas.

Escolhemos como *corpus* de análise a Coleção Terras Quilombolas⁴, publicada em 2016. Ela consiste em um conjunto de livretos sobre diversas comunidades quilombolas de todo o Brasil, produzida em parceria com INCRA, MDA e UFMG com a finalidade de sistematizar e dar visibilidade aos Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID). A coleção foi publicada nos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018, e conta com 57 livretos, sendo 7 sobre quilombos maranhenses, dos quais 3 deles da região de Itapecuru Mirim.

Todos os livretos da coleção possuem a seguinte descrição:

A Coleção Terras de Quilombos reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira. (COLEÇÃO TERRA DE QUILOMBOS, 2016, p.20)

⁴ Todos os livretos da coleção estão disponíveis em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/memoria-quilombola>

Foi essa descrição que nos levou a selecionar tal coleção como *corpus* de análise. Além de ser um documento baseado em dados de relatórios oficiais e conter narrativas escritas de quilombolas de Itapecuru Mirim, também trata de aspectos que tencionamos apresentar nessa pesquisa, quais sejam, “seus modos de criar, fazer e viver” e “suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra”.

Nossa análise utilizará os livretos “Quilombo Santa Rosa dos Pretos”, organizado por Fernanda Lucchesi (2016) e “Quilombo Santa Maria dos Pinheiros” de Gyordanna Patricia Pereira Silva (2016). Cada um deles possui narrativas transcritas pelas organizadoras, de histórias de moradores das comunidades. Em suma, tais narrativas compõem o corpus desse estudo. Tais livretos foram escritos baseados nos Relatórios técnicos de identificação e reconhecimento das Comunidades remanescente do Quilombo Santa Rosa dos Pretos, elaborado por Fernanda Lucchesi em 2008 e do Quilombo Santa Maria dos Pinheiros, elaborado por Ivan Guimarães em 2015.

5 Análise de dados

Considerando as questões levantadas na introdução deste artigo, em especial, quais aspectos culturais marcam a identidade dos quilombolas, e se os quilombos são respeitados, reconhecidos e valorizados pela sociedade em geral?, iniciamos esta análise com uma narrativa extraída do livreto “Quilombo Santa Rosa dos Pretos”.

João Soeira, meu irmão, contava que a Santa Rosa foi uma terra de um barão, que era o Barão Alfredo Nunes Belfort, Barão de Santa Rosa, e aí então quando ele estava perto de falecer, aí diz que ele deixou essas terras, ele contava assim: “Eu, Alfredo Nunes Belfort, Barão de Santa Rosa, estou deixando essa terra para aqueles que serviram de escravo, para os meus descendentes, os descendentes de Santa Rosa, que essas terras não serão vendidas, não serão destruídas”. E aí ele contava tudo direitinho, só que eu não sei contar, eu até sorria quando ele contava essa história. (LUCCHESI, 2016, p.4)

Nessa narrativa, Dona Nielza, de 65 anos, conta como a fazenda foi dada como herança aos escravos, dando origem à comunidade de Santa Rosa dos Pretos. Segundo ela, antes de morrer, o dono da fazenda, Barão de Santa Rosa, escreveu um testamento, no qual doa a terra ao seus ex-escravos e seus descendentes. Segundo Lucchesi (2016), a história da herança deixada pelo barão para seus

escravos, como também a cláusula que estipulava que a terra não poderia ser vendida em tempo algum, é repetida pelos membros de Santa Rosa, independentemente da idade. Tanto a autora como a narrativa destacam uma tradição da comunidade de contar as histórias oralmente. O fato de dona Nielza declarar que seu irmão João Soeira sabia contar a história da herança e que todos da comunidade repetiam que a terra não poderia ser vendida em tempo algum, são exemplos disso.

Apesar do testamento, comunidade viveu alguns conflitos para garantir a posse das terras. Segundo Seu Alfredo de 86 anos

Quando eu era criança tudo era mato, o centro da Santa Rosa, onde tinha as brincadeiras, era sítio velho, tambor de crioula, futebol... Ribamar Prazer mais João Rodolfo que invadiram e botaram banca para lá, ficaram naquele pedacinho oprimido, porque pedra não briga com garrafa, né? Garrafa não briga com pedra. Tinham mais poder e ficaram ali esperando uma oportunidade dessa para libertar as coisas para nós, porque se não servir para nós, que somos velhos, mas serve para os nossos filhos, nossos netos né? E aí nós ficamos libertos porque eu não escravizo ninguém, então eu não posso ser escravizado por latifundiário. (LUCCHESI, 2016, p.7)

Já a história contada pelo Seu Alfredo relata problemas da década de 1984, quando o vice-governador do estado do Maranhão, João Rodolfo Ribeiro Gonçalves, se apossou da região, desmatou, cercou e restringiu o acesso. Passados muitos conflitos, em 1997, foi assinado um termo de cooperação técnica objetivando a regularização fundiária dos territórios das comunidades remanescentes de quilombo no Maranhão. A situação só foi verdadeiramente resolvida apenas em 2015, quando foram decretadas as desapropriações dos imóveis sobrepostos ao território. (LUCCHESI, 2016, p.8-9)

Ainda que narrativa privilegie os conflitos para garantir a herança deixada pelo Barão de Santa Rosa, Seu Alfredo conta alguns costumes dos moradores da região, como o tambor de crioula e o futebol, que servem como elementos identitários desse quilombo.

O Tambor de Crioula do Maranhão é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação afrobrasileira ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela participam as coreiras ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo influxo das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na punga ou umbigada – gesto característico, entendido como saudação e convite. (site do IPHAN)

Para ilustrar a prática de tambor de crioula da comunidade, vejamos a fotografia a seguir:

Figura 3: Tambor de Crioula no Quilombo São José dos Pretos



Fonte: Foto tirada por Juliana Loureiro, em 2005. (LUCCHESI, 2016, p.11)

Após essa breve exposição sobre o Quilombo Santa Rosa dos Pretos (LUCCHESI, 2016), passemos para o livreto “Quilombo Santa Maria dos Pinheiros” (SILVA, 2016). A narrativa que se segue é do Senhor José de Ribamar Tinoco, mais conhecido como Seu Tinoco, nascido em 1956.

“Eu só tenho esta terra. Esta terra é tua, para tu criar teus filhos, criar teus netos, criar teus bisnetos e não ter venda, Zeferino”.

Seu Tinoco completa: “Foi à vinda que a gente veio da África para cá e com o decorrer do tempo o branco morreu e deixou uma légua e seiscentos metros em quadrado”. (SILVA, 2016, p.3).

Seu Tinoco, descendente do Seu Zeferino, também conhecido como Negro Zeferino e depois como Papa Fino, conta que ele foi alguém que foi escravizado durante toda a vida, trabalhando em uma fazenda e que a recebeu após a morte do antigo fazendeiro, Frederico Pinheiro.

Seu Tinoco destaca que o branco não fez a doação da terra por um agrado, nem por bondade, mas como uma forma de compensação pelo trabalho de Negro Zeferino. Homem trabalhador, Zeferino era merecedor da herança dada pelo branco fazendeiro, afirmam seus herdeiros. Destacam que nessa terra doada havia um forno feito de barro e recoberto de metal, empregado na fabricação de farinha. O forno era amplo e tinha grande capacidade para produção de farinha de mandioca, no tempo em que Zeferino vivia. (SILVA, 2016, p.3)

Diferente da origem do anterior, o **Quilombo de Santa Maria dos Pinheiros**, surgiu a partir do pagamento de uma dívida, pois o fazendeiro precisava compensar os anos de trabalho de Negro Zeferino e por isso, entregou-lhe a fazenda antes de morrer.

O livro conta o relato sobre um forno para produção de farinha de mandioca. Esse fato mostra um aspecto cultural do quilombo, que se faz presente em vários pontos do estado. Fazer farinha, como exemplifica a figura 3, é uma prática que se perpetua até os dias atuais em localidades maranhenses, embora esteja cada vez mais escassa.

Figura 4: Casa de Forno do Quilombo Santa Maria dos Pinheiros



Fonte: Foto de Joel Marques tirada em abril de 2016. (SILVA, 2016, p.9)

Além de fazer farinha, os moradores relatam o costume de plantar mangueiras e cajueiros e várias partes do território da antiga fazenda. Elas ofereciam seus frutos

e sua sombra, mas também eram utilizadas com recurso de localização na comunidade.

Essas árvores são lembradas pelas copas vistosas, e são associadas à vitalidade do tempo de Papa Fino. Diz Dona Nelza: “Isso tudo tinha: mangueira, cajueiro, tinha tudo”. E completa: “Aí, foi quando o Zeferino foi ficando velho, foi ficando velho, aí morreu”. Essas árvores frutíferas se tornaram marcos dos locais onde as casas dos moradores foram construídas ao longo dos anos. (SILVA, 2016, p.5)

Outros locais destacados pelos moradores que representam marcos da memória da comunidade são o Cemitério dos Velhos, o poço de pedra construído na antiga fazenda, as ruínas da casa do antigo fazendeiro, e o forno de farinha entregue a Zeferino no ato da doação da terra. (SILVA, 2016, p.5-6).

A vitalidade de Seu Zeferino e o dos ex-escravizados da fazenda do Barão de Santa Rosa foram fundamentais para o surgimento e manutenção das comunidades quilombolas da região de Itapecuru-Mirim. A história e os costumes de cada um desses locais podem ser conhecidos por meio das narrativas de seus descendentes.

6 Conclusão

Entender a história e a cultura de grupos minoritários é um pequeno passo em busca de reconhecimento de direitos. O Brasil possui muitas comunidades quilombolas, e um número expressivo delas está localizado no Maranhão, em especial, em Itapecuru Mirim. Este estudo buscou investigar quais os aspectos culturais marcam a identidade desses povos, almejou ainda saber se os quilombos são respeitados, reconhecidos e valorizados pela sociedade em geral.

Nossa pesquisa mostrou um pouco da história de formação de dois Quilombos de Itapecuru Mirim, Santa Rosa do Pretos e Santa Maria dos Pinheiros. Apesar da proximidade, suas origens têm suas peculiaridades, o primeiro é fruto de uma herança, o segundo é resultado de pagamento de trabalho de uma vida toda de trabalho escravo, mas ambas possuem costumes semelhantes, como a prática do futebol, as festas religiosas, a preparação da farinha de mandioca, o tambor de crioula.

Ainda que este artigo tenha focado em aspectos históricos, há muito a ser explorado sobre a cultura dessas comunidades. Esse aprofundamento carece de maior apuramento dos procedimentos metodológicos e de análise, a fim de oferecer sólida contribuição científica.

Referências

AHLERT, Martina. LIMA, Jefferson Yuri da Silva. “Nesse mundo ninguém se governa”: Encantaria e luta em Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/Maranhão). *Anais VI ENADIR - GT17*. Processos de reconhecimento de direitos, mediação intercultural e disputas territoriais no Brasil contemporâneo, 2019. Disponível em: <https://nadir.fflch.usp.br/anais-vi-enadir-gt17>. Acesso: 15/10/2022.

BOTELHO, Jean. *Conhecendo e Debatendo a História do Maranhão*. São Luís: Fort Com. pp. 121–126, 2008.

LUCCHESI, Fernanda. *Quilombo Santa Rosa dos Pretos* / Fernanda Lucchesi. Coleção Terra de Quilombos. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/santa_rosa_dos_pretos.pdf Acesso em: 05 de outubro de 2022.

MARQUES, Carlos Eduardo. De Quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico. *Revista De Antropologia*, 52(1), 2009. 340-374.

PREFEITURA DE ITAPECURU-MIRIM. *Diagnóstico Municipal: O Futuro Do Caminho De Pedras Miúdas*. 2006. Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/ItapecuruMirim_DiagnosticoMA.pdf Acesso em: 15/10/2022.

QUEIROZ, Tulio. *O QUE É UM QUILOMBO?*. Disponível em <https://escolakids.uol.com.br/historia/o-que-e-um-quilombo.htm> Acesso em: 10/10/2022.

QUILOMBO. In: DICIO, *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/quilombo/> . Acesso em: 10/10/2022.

SILVA, Gyordanna Patricia Pereira. *Quilombo Santa Maria dos Pinheiros* / Gyordana Patricia Pereira Silva. Coleção Terra de Quilombos. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/santa_maria_dos_pinheiros.pdf Acesso em: 05 de outubro de 2022.